

CARLINHOS DA SÉ – ICÓNICA PERSONAGEM DE BRAGANÇA!¹

Abílio Lousada

O Carlinhos foi uma das personagens mais carismáticas da cidade de Bragança. Como tinha poiso certo pela Praça da Sé, era tratado por Carlinhos da Sé. Não havia ninguém que não conhecesse aquela figura de homem de média estatura e corpo magro, cabelo à escovinha e barba mal escanhoada, com esguio bigodito a espreitar pelos cantos da boca. Tinha uma cara de franzina inocência, um olhar de malandreco, uma voz sibilina e uma língua afiada.

Era, basicamente, um solitário que se deleitava com o movimento quotidiano da urbe. Estivesse chuva, frio, vento ou sol, os paramentos eram incontornáveis: socos ou botas de borracha feitos no «Feijão Sapateiro», no Loreto, onde enfiava os pés envoltos em dois pares de meias, umas calças gastas e justas, um casaco preto coçado até à anca, por cima da camisa desbotoada e de uma camisola de lã. Era comum vê-lo de boné enterrado até às orelhas e, por vezes, com chapéu. Por baixo do casaco, existia uma série de funcionalidades tipo canivete suíço: do cordel grosso que lhe segurava as calças prendia um braço (guita como lhe chamava), que agarrava uma meia de lã tipo caixa das moedas; outro braço tinha-lhe à mão de semear uma navalhita, que servia para o farnel ou para aguçar um pau por distração; até a garrafinha do quartilho da pinga surgia atada como vinda do nada.

Esta figura patusca deambulava pela cidade enquanto espaço de vivência e labor, surgia, de vez em quando, numa ou outra aldeia limítrofe, quando lhe dava para ‘emigrar’, subia à Senhora da Serra ou a Nossa Senhora da Cabeça em Nogueira, seus centros religiosos de devoção e fé, ou calcorreava os montes dos arredores, quando a inquietude procurava sossego. Por onde passava era mimoseado com comida, uma pinga e uma ou outra moeda – «a moedita prá navalhita». Agradecia tudo religiosamente.

Era um ‘monumento’ brigantino e, ainda hoje, quem não o conheceu pessoalmente, já ouviu falar dele. Destacava-se pela resposta na ponta da língua que dava a cada insinuação ou provocação, fosse mais ou menos brincalhona. Era um pobre de Cristo, manso das Bem-Aventuranças e um afilhado de Nossa Senhora.

¹ In, *Bragança e o Tempo do Senhor Bairro. A Cidade na História e Histórias de Bairro*, Porto, fronteira do Caos, 2021.

Prezava os benfeitores, escarnecia das maldades e deleitava-se pela vida. Normalmente na Praça da Sé e encostado à parede da igreja, o seu «centro de operações», onde era apreciado pelos transeuntes, solicitado para tarefas a partir do mercado ou das mercearias e, tantas vezes, incitado pelos «polidores de esquinas» do café Cruzeiro, a rapaziada sem vintém, que passeava os livros e que por ali se ficava na laracha e a estripar cigarros.



Bairro São João de Deus em 1.º plano inclinado, enquadrado pelo Liceu Nacional, o Quartel do Trinta e a Escola Industrial. Fonte: Óscar Lousada.

Morou no Bairro São João de Deus, mas nasceu na Rua São João de Deus, a 1 de Outubro de 1932, conhecida como Rua da Caleja e mais antiga que o Bairro São João de Deus, sita por baixo da Torralta, por onde se acedia por umas escadas de pedra tosca. Teve como nome de baptismo João Carlos Pereira Quintana e tinha uma irmã e dois irmãos: a Sr.^a Amélia, o Gualdino e o Joaquim, este morreu em Angola, durante a Guerra do Ultramar. Era o mais velho dos irmãos rapazes e, dizia-se, o mais bonito. Nasceu saudável, corpo escoreito e tinha cabelo louro comprido. Mas foi atacado, ainda pequenino, por Meningite, que nunca foi curada devidamente, e sofria de epilepsia aguda, jamais controlada e que a pinga e o passar dos anos agravaram.

Perdeu os pais muito cedo e ficou aos cuidados da avó, a Sr.^a Inês, que o estimulou e acompanhou, em tempos de provações.

As primeiras estórias à sua volta datam dessa altura. A Caleja era um dos lugares onde as meninas ditas de conforto se instalavam, à espera de clientes. As prebendas eram autorizadas e, por ali, muitos rapazes se iniciavam sexualmente. Dizia-se até «antes ir às meninas do que praticar a masturbação», acreditando-se que esta podia causar a tuberculose». Mas as prostitutas «encartadas» eram obrigadas a fazer periódicos exames sanitários, ganhando na caderneta o carimbo de licenciadas e, quando as faltas eram detectadas, era a polícia que as ia buscar. Certa tarde, estava o menino Carlinhos a brincar na rua, enquanto a avó tricotava uma camisola e apanhava sol no beiral da porta. Irrompeu a Polícia à cata das faltosas aos exames de saúde. Foi um corrupio de raparigas a esconderem-se. E o Carlinhos, vai daí, grita:

– “Fuja minha avó, fuja, que anda aí a Polícia a prender as putas todas da Caleja”!

Uma vez, e como a avó se sentia mal, acompanhou-a ao médico. Depois de ser auscultada, foi-lhe identificada uma forte constipação e febre, que deviam ser rapidamente curadas, sob pena de poder dar em pneumonia. Além de xarope para a tosse e de repouso na cama, o médico receitou os supositórios da praxe. Mas como a senhora já não tinha idade para os administrar tinha de ser o Carlinhos a fazê-lo. Ao que a avó torceu o nariz, mas não havia alternativa. O médico explicou-lhe como se fazia, tintim por tintim. Está bem está, foi o bom e o bonito. Em casa, pergunta o Carlinhos:

– “Ó minha avó, atão é por a da frente ou por de trás?” E a avó, já exasperada com o ataviado, resmunga: “é por trás, alma do diabo”. Sarcasmo pronto do rapaz: “oh, oh. Isto é que vai ser um fado”!

Entretanto, a avó morreu, a grande perda da sua vida, que o descontrolou ainda mais, e ele foi viver para o Albergue, casa de asilo em Bragança, onde nunca se deu



Carlinhos da Sé em jovem. Fonte: Museu do Abade de Baçal.

bem. Faltava-lhe liberdade, o ruído do ambiente era-lhe insuportável e a ausência dos irmãos e dos sobrinhos, que moravam no Bairro São João de Deus, constrangia-o. De tal maneira que passaram a ter dificuldades em o controlar pois, ora se refugiava meio oculto pelo arvoredado circundante, desaparecia para a praça da Sé ou irrompia a desoras em casa da irmã e do cunhado, a Sr.^a Amélia e o Sr. Domingos.

E, segundo consta, batiam-lhe no Albergue, queixando-se de um auxiliar de enfermagem. Os doentes eram anestesiados a comprimidos, que lhes eram ministrados durante o café com leite do pequeno-almoço, para andarem durante o dia sem dar tormentas, e antes da deita, para dormirem sossegados. Mas o Carlinhos queria vida e não gravitar que nem um sonâmbulo pelo quarto escuro a que o remetiam. Por isso, os comprimidos, que fingia tomar, deslizavam sorrateiramente para o bolso do casaco que, como tinha o forro furado, pousavam na bainha. Não controlado, o dito auxiliar, que não estava para trabalheiras e muito menos para compaixões, irritava-se e arreava-lhe.

Até que fugiu. Chegou ao Bairro a dizer que o queriam matar:

– *“Albergue nem pensar, anda pra lá o diabo vestido de branco”*.

Ficaram como recordação o forro do casaco cheio de comprimidos e o dito sujeito. Este, certo dia, passava pela linha, quando o Carlinhos, sentado no muro da casa da irmã, o avistou. Só o ouviram gritar:

– *“Assassino, bandido dos infernos, assassino. Olhó diabo”*.

Houve pessoal que saiu à rua e, quando se soube quem era o passeante, os irmãos correram atrás do sujeito, que se conseguiu escapulir para o Loreto. Claro que estes ouviram a sentença do Carlinhos:

– *“Vós é que sois dos trôpegos, num correr sabeis. Botava-se numa fogueira, qué onde os diabos gostam d’arder”*.

Já homem feito, na década de 1950 arranjou-se-lhe emprego na estação de comboios como tarefeiro. Sossegado, eremítico e jovial, o Carlinhos lá se foi amanhando na vida. Trabalhava o que podia, acarretava sacos e distribuía encomendas na estação de caminho-de-ferro ou levava correspondência e fazia recados pela cidade. Começou a ser notado e acarinhado na urbe. O Sr. Queiroz, figura notável de Bragança e que tinha um pronto a vestir na rua Alexandre Herculano, fez-lhe a farda azul da ferrovia à medida, com chapéu e tudo, onde cravou uma chapa com a inscrição «Moço de Recados». E fê-la a custo zero e com tanto zelo que o

Carlinhos se maneava, orgulhosamente fardado, pelas ruas da cidade. Em plena praça da Sé, o Sr. César, dono da barbearia do mesmo nome, fazia questão de lhe dar amiúde uma aparadela de cabelo e barba.



Carlinhos da Sé funcionário da CP de Bragança. Fonte: Chico Pimenta e Óscar Lousada, respectivamente.

O Carlinhos, moço de recados, ia também bebendo a sua pingoleta, para mal dos seus problemas epilépticos. Os locais de eleição eram a taberna do António Júlio, junto à Estação, pois claro, ou na taberna da Maria Francesa, na Caleja, sempre que regressava a casa no Bairro vindo da praça da Sé, obviamente. Trabalhava, mendigava e bebia; sem azedumes, mentiras ou alarvices. Deu-se o 25 de Abril e em tempos ditos de liberdade e de fraternidade o Carlinhos foi dispensado da ferrovia por não ter os estudos primários. O seu sustento passou a ser a praça da Sé, poiso a partir do qual fazia fretes.

A César o que é de César! Fanava-se por moedinhas e se não sabia ler nem escrever, a fazer contas ninguém o enganava, sobretudo se fossem moedas, está bem de ver. E cantava o fado da Amália. Encostado à igreja da Sé, a preferência era a «Casa da Mariquinhas»: *“Foi no Domingo passado que passei / À casa onde vivia a Mariquinhas / Mas está tudo tão mudado / Que não vi em nenhum lado / As tais janelas que tinham tabuinhas”*.

Passaram uns sujeitos e deram-lhe 25 tostões. Benzeu-os, desfiou o cordel debaixo do casaco e aí vai moeda para a peúga das esmolos.

– “Bem podes, ó Carlinhos, cheio de sorte”, atirou-lhe um deles. A resposta foi imediata: – “Homessa, se ma deu foi porque quis, qu’eu nã lha pedi”.

E continuava mudando de disco, com a cantinela *“Maria parece incrível / que trazas um lenço mormelho / Depois de te ter dizido / Quera melhor amarêlo”*. Um raparigas resolveram experimentá-lo. Pararam junto dele, a quem não lhe ligou nenhuma, metido como estava com os seus botões. Uma delas puxou-o à conversa:

– *“Ó Carlinhos, qual de nós é que dizes que é a mais bonita”*. E o Carlinhos desconfiado: – *“Oh, oh. He lá, num vos chegueis caralhichos”*! E inclinou a cabeça como era costume.

– *“Anda, diz lá qual é a mais bonita, que te damos cinco coroas”*, insistiram. – *“Atão botai cá a moeda”*, disse-lhes. E elas deram-lhe cinco coroas, que foram parar ao mealheiro. Mas nada de resposta ao desafio, apenas continuou a cantar *“Maria parece incrível / que trazas um lenço mormelho ...”*. Enfastiado da companhia, concluiu:

– *“Ora, que quereis que vo lo diga! Coisa ruim num tem escolha”*!

Conta-se também da rapariga que se chegou ao Carlinhos e lhe disse que queria casar com ele: *“Ui, ui, só faltava esta. Se róis estevas até que podia de ser, pois ponho-te no monte e não dás trabalho, nem despesa. Senão não”*!



Carlinhos na Praça da Sé, em Bragança. Fonte: Memórias ... e Outras Coisas – Bragança FB.

O lugar cativo da praça da Sé não servia só para acompanhar o vai e vem das pessoas, apreciar as gentes esparramadas nas esplanadas dos cafés ou cantarolar

«A Casa da Mariquinhas». Ali se disponibilizava a auxiliar as senhoras que vinham do mercado a transportar os legumes, sacos ou canastras de peixe, com que amealhava rendimentos. Ouviu uma senhora perguntar a um taxista quanto lhe cobrava por lhe transportar um saco de batatas de duas arrobas à costa do Castelo. E ouviu a resposta: «50 escudos». A senhora disse que era dinheiro demais para tão curto serviço e regateou duas notas de 20 escudos. Nada feito.

Eis senão quando o Carlinhos se disponibilizou a levar o saco às costas. E aí vai ele, rua Direita abaixo com a carga em cima dos ombros, até fazer uma pausa no largo do Principal. Faltava-se-lhe o ar e descansou. Ainda tinha a subida, e que subida, da Costa Grande (rua Trindade Coelho) para vencer. “*Vossemecê aguenta-se, homem*”, perguntou a senhora. Ai não, que não aguenta. Agarrou o saco de lado, como quem pega um touro de cernelha, e entre um cambalear aqui e um gemer ali chegou ao cimo. Foi então que deixou a senhora atónita quando esta lhe perguntou o custo da tarefa: 50 escudos.

– “50 escudos, então não os dei ao taxista e agora dava-tos a ti. Então que justiça vem a ser esta”? O Carlinhos, que sempre foi esperto que nem um alho, justificou-se:

– “*Repare a freguesa. Aquele lá de baixo não se afez por duas notas de Santo António, mesmo assente em quatro pneus de borracha. Eu, com duas botas de sola basta-me uma nota da Rainha Santa Isabel. É pagar ou levo a saca outra vez prá praça*”. Que grande malandro! Regressou de novo para a praça da Sé e foi mostrar, todo o ufano, a nota ao taxista, que nem queria acreditar no que via: “*nã quiseste levar a saca à senhora por duas de vinte, lucrei eu uma de cinquenta. Achas que o negócio se faz sem alevantar o cú do assento, hã. Nã te faças à vida*”.

E a Deus o que é de Deus! Se a praça da Sé era o seu centro de vivência e labor, a casa da irmã, no Bairro São João de Deus, era o ponto de recolhimento afectivo. Regressava ao fim do dia, quando não noite adentro, para comer a sopita, «vale de lençóis» e dormir o sono dos justos. Rompido o dia, a primeira coisa que fazia era ir para o fundo da rua, voltava-se para o cabeça e a capela de São Bartolomeu e rezava, alto e bom som, minutos a fio, com uma moeda elevada aos céus como se fosse a Hóstia consagrada. Fazia o mesmo todas as manhãs, pelas 7 horas, antes de rumar à cidade. Ninguém o interrompia e nada o distraía. Uma vez estava ao fundo da rua a olhar para a estrada e disse-lhe a Sr.^a Amélia: “*que estás a fazer*”? Respondeu ele: “*estou*

a olhar lá para cima, olha o Chico [sobrinho] que vai lá em cima na camioneta, a comer pão e queijo". Por isso, às vezes o pessoal mangava com o Chico a comer pão e queijo.



Linha do comboio Bragança-Coxa, por baixo do Bairro São João de Deus. Fonte: postal, www.delcamp.net.

Não havia velório e funeral que não tivesse a presença do Carlinhos, em Bragança ou arredores. Estivesse onde estivesse, mal ouvia repicar os sinos da Sé e aí vai ele saber quem se finou. Estava certo dia a almoçar no Bairro com os seus quando tocaram os sinos. Tanto bastou, disse que alguém tinha entregado a alma ao criador e havia de saber de quem se tratava. A irmã ainda o tentou demover: “*acaba de comer Carlos, tens tempo*”. Que nada, o defunto precisava do conforto da gente que por cá ia andando, pois não se manda uma alma de Cristo para o Céu sem acompanhamento e oração. Levantou-se, saiu de casa e percorreu a linha (actual Av. Sá Carneiro), desceu à Caleja, entrou na rua do Norte e passou pela tasca da Maria Francesa sem um olá, desceu o que faltava da 5 de Outubro, virou para a Alexandre Herculano e, dali, assomou à praça da Sé, onde soube que o morto estava na Misericórdia. À porta estava o carro funerário e, no interior, gente em volta de um caixão. Conversava-se baixinho e algumas pessoas choramingavam, para além de uma ou duas carpideiras lançarem prantos como era de uso. Alguém tinha morrido e estava a ser velado. Assomou-se, aspergiu água para o morto e enquanto rezava um Pai-Nosso e duas Aves-Marias ouviu comentar à viúva que «*o coitadinho morreu como um passarinho*». Tanto bastou para o Carlinhos se inclinar mais sobre o morto e lhe tentar mirar a cabeça.

No dia seguinte, acompanhou o féretro em direcção ao cemitério e foi durante o percurso que ouviu um comentário entre duas senhoras que se interrogavam: “*de que*

terá morrido”?, dizia uma, *“parecia tão cheio de saúde”*, afiançava a outra, para aquela ampliar a admiração *“ainda há dois dias me cruzei com ele e parecia bem”*. *“morreu de quê?”*, perguntaram em uníssono uma à outra. Foi então que o Carlinhos se voltou para trás e lhes deu o seu termo:

– *“De que morreu, homessa, como um passarinho; deve de ter levado com uma fígada nos cornos”!*

Aos Domingos, ou quando calhava à semana, entrava na igreja da Sé e assistia à Missa. Gostava particularmente de escutar o Cónego Afonso Ruivo, o seu mentor espiritual, que lhe retribuía a simpatia. Depois encostava-se cá fora, pelas arcadas, com a garrafa de pingoleta nos queixos. Até que um dia foi abordado por um polícia:

– *“Então como é! Não sabes que beber na via pública é proibido? Ainda por cima junto a lugar sagrado. Levo-te para a esquadra, ouviste!”*

O Carlinhos, que mal avistou o polícia tinha esgueirado a garrafa para dentro da roupa, ripostou:

– *“Bô! Bô! Atão já um home num pode desinfestar uma ferida”*. E pôs-se a coçar um braço com toda a força. Arredou-se mais para o lado e o polícia desistiu da emenda. O que levou o Carlinhos a sentenciar: *«olha-me este, pode aquele lá dentro beber no altar e houvera eu e não posso beber cá fora em dia de folga»*. E terminou o fado da Marquinhas: *“Pois dar de beber à dor é o melhor / Já dizia a Mariquinhas / Pois dar de beber à dor é o melhor / Já dizia a Mariquinhas”*.

Para o Carlinhos, polícia por perto era confusão por certo. Num fim de tarde, foi beber um copo à taberna do Figo Seco, na Vila. Enquanto o tragava ao balcão, os gandins da Vila e os moinas d’Além do Rio pegaram-se à pancada. Uma zaragata das decerto. Chapada nas ventas, murro nos queixos, pontapé nos tortulhos e a coisa estava sem ordem, entre gritarias do tipo *«agarrem-me senão desfaço este gajo todo»*. A multidão foi-se juntando e não havia meio de a coisa abrandar. O dono da tasca achou que já era exagero e telefonou para a Polícia, pois assim não havia negócio que se aguentasse. E foi então que alguém gritou: *«a Polícia, vem aí a Polícia»*. Ups, fim de festa e pernas para que te quero. A multidão também desenfiou. Mas não o Carlinhos, que aguardou. A ramona (carro da bófia) parou junto ao passeio e saíram três latagões fardados. Mas da zaragata nem sinal. Um deles perguntou ao Carlinhos.

– *“Então o que é feito dos gajos?”*. Não esteve de modas e colocou-os em vexame:

– *“Estes é que são dos bôs. Agora que se foi embora a formiga d’asa é que aparecem os tralhões”*.

São umas atrás das outras. Os penduras do Cruzeiro, enquanto cavaqueavam, bebiam cerveja e fumavam de perna estribada na parede iam olhando para o lado da Sé, onde o Carlinhos deambulava em plena praça, fazendo gestos com a mão, como quem espalhava ou semeava qualquer coisa. Aproximaram-se e um deles perguntou: “*que andas fazer Carlinhos?*”. Nem resposta, continuou na dele, meio curvado e passos cadenciados, mão em forma de concha e o braço a dar a dar. A curiosidade aumentou e voltaram a fazer a mesma pergunta. Sem se desviar dos afazeres, sibilou:

– “*Cando a fazer, nã se vê logo! A dar de comer aos pombos*”. O pessoal ficou quedo e mudo. Que raio de coisa mais esquisita.

– “*Carlinhos, como andas a dar de comer aos pombos, se não se vê pombo nenhum no chão?*”. A resposta, abrindo a palma das mãos, seguiu que nem em pombo-correio:

– “*E depois, tamém pó milho que eu lhes dou*”. A estudantada tinha muito para aprender.

Num fim de tarde, em que passava pelo mercado, deu com o carro cisterna da Câmara a lavar o chão. Ficou a ver os jatos de água a levantar surro, gordura, escamas de peixe e tudo o mais. Não se conteve e repreendeu os funcionários:

– “*Olhai, olhai, vós é que a estais a fazer bonita! A encher o chão de água à espera que caia uma geada das boas à noite. Isto só visto. Que bonito serviço, sim senhor. Depois quero ver, as velhotas manhã cedo a passar prás compras e a escorregar, a cair e a partir as nalgas ou uma perna. E depois de quem é a culpa, hã. Quem paga o hospital!*”! Os camarários ficaram a olhar para ele a sorrir, enquanto o Carlinhos arrematou: “*o que vós merecíeis era que arrancasse um paralelo da estrada e vos desse com ele na cabeça*”. Acontece que se estava em Julho, no pico do Verão.

É claro que pela cidade andavam outros que tais que não só o Carlinhos. Todos são do conhecimento: o Troula de Vila Nova e as suas gravatas, com quem o Carlinhos privou no Albergue e acompanhava por vezes; o Laribau de Edrosa e o ameaçador cajado, com quem não alinhava; o chamado Homem dos Pés Redondos (não tinha pernas), que se arrastava pela calçada com um calço agarrado em cada mão e o traseiro a servir de tracção; ou o Salazar espalhafatoso, que lhe passava despercebido.

O Laribau, nomeada de Gustavo Dorivaldo, era mau. Assim o diziam! Mas também o caso não era para menos. Era dos mais acicatados pelo pessoal, que gostavam de o ver a praguejar e ameaçar este e aquele com o cajado. Ou a fingir um

arremesso de calhau. A garotada preferia vê-lo ao longe e as mulheres, que captavam muito a sua atenção, afastavam-se das recorrentes tentativas do beijo nas bochechas, com que se encantava. Era frequência assídua de festas e romarias pelas aldeias, a começar na sua Penhas Juntas, onde era mestre no jogo do chincalhão. Raramente aparecia pelo Bairro São João de Deus. Conta-se que por ali se terá metido com quem não devia e sobre quem terá feito inconfidências amorosas, que lhe prometeu uma arrochada nos cornos se lhe voltasse a pôr a vista em cima. Coitado!

O homem dos pés redondos era citado sempre que alguma mãe queria fazer engolir a sopa a um filhote: *“ou comes a sopinha ou eu chamo o homem dos pés redondos”*. Era remédio santo.

Já o Salazar assomava-se por vezes ao Bairro, usualmente no café Retiro. Ao contrário dos outros, não era um indigente, até pelas roupas que vestia. Mas era meio maluco e às vezes inconveniente. Era um homem corpulento e meio trôpego no andar, pois mancava da perna direita, com um vozeirão de cana rachado sempre em alteração, ostentando um farto cabelo, onde se enterrava um boné, e uma volumosa barba preta. Vivia de uma pensão considerável que recebia da Alemanha, para onde imigrou em tempos e onde trabalhou nas obras. Até ter um grave acidente. Caiu de um andaime e bateu com a cabeça no chão. Ficou como morto, mas foi milagrosamente recuperado, sendo-lhe o crânio reconstituído à base de platina. Mas a perna ficou num andar tipo seis-nove, seis-nove! Quando se metia com alguém, que não estava pelos ajustes, e lhe dizia *“Salazar, levas um murro na pinha, que te furo a platina”*, aquietava-se. Era adepto assíduo nos jogos de futebol do Bragança, fosse no campo dos «malucos» (Centro de Educação Especial) ou no do Desportivo. Era vê-lo gritar: *“vai Bragança, cara#*. *Chega-lhe azeite, Bragança”*. Se o resultado não andava a culpa era inevitavelmente do árbitro: *“ó gatuno, vai roubar prá tua terra”*; ou então quando o homem do apito era careca: *“tira o cabelo da testa, que não vês nada seu ceguinho”*. E se havia negros a jogar nas equipas adversárias; isso é que era: *“barrote queimado”*, *“apanhaste muito sol nos miolos”* ou *“fazemos de ti alcatrão pá estrada”* eram os mimos mínimos.

O Troula era assíduo do Bairro São João de Deus, onde sempre foi bem acolhido. Era um pobre coitado, alto e magro, andava que se fartava da aldeia de Vila Nova para Bragança (c. de 7 km) e vice-versa, às vezes mais que uma vez ao dia. A nomeada vem-lhe da vestimenta, onde sobressaía a sua imagem de marca: dois a três casacos rafados e duas, três ou mais gravatas penduradas ao pescoço, cada uma

mais garrida que a outra. Era um exímio tocador de realejo, com o qual se fazia anunciar logo que chegava à área da Adega, percorria a Junta Autónoma das Estradas e entrava na Avenida João da Cruz. Era o instrumento certo para angariar cigarros ou beatas, que estripava a contento, uma pendurada nos lábios e outra na mão. Gravatas ao pescoço, toques de realejo e pirisca meio acesa no canto da boca – eis o Troula. Na verdade, chamava-se José Manuel e vivia com a mãe, a quem desassossejava com a vida errante e as ausências prolongadas. A mãe perguntava-lhe o que comia e como dormia com o frio que se fazia sentir. Ele acalmava-a dizendo, como aconteceu uma vez, que uns cãesinhos se lhe chegaram no monte, o aqueceram e com ele dormiram. Cãesinhos que, na verdade, eram lobos.

Estava sempre bem-disposto e com ele não havia manhãs que se lhe intromettessem na bonomia. Surgia no São João de Deus pela linha, se quem procurava era o Carlinhos, ou pelo cimo se queria comer. Como bom transmuntano, contentava-se com uma côdea de pão, uma malga de sopa e um copo de vinho. Uma vez deram-lhe uma banana e qual não foi o espanto quando o viram comer a casca e deitar fora a banana. Perante a admiração dos anfitriões inocentou-se referindo *“não sou de comer caroços, partem-me os dentes”*.

O Carlinhos traquinas e o Troula folgazão por vezes alinhavam. Num dia 12 de feira, o Carlinhos encontrou o Troula todo vestido de negro. *“Até a gravata”*? Exclamou. *“E as cuecas”*, recebeu como resposta. O Carlinhos examinou-o e não resistiu a perguntar-lhe: *“quem te morreu”*? Este, que não estava para os ajustes, disparou: *“morreu-me o cara#”*. E o Carlinhos concluiu: *“ah, por isso também traíses o cú de luto”*.

Outra vez, como tinham duas moedas de escudo e uma coroa decidiram rumar ao Verbo, na rua de Trás (Abílio Beça), famosa tasca do bem-humorado e bem relacionado Sr. Cipriano Augusto. O Troula aconchegou as três moedas na palma da mão e exclamou: *“isto é que vai ser uma festa que se lhe dá”*. Entraram e este pediu:

– *“Sô Cipriano, amande dois escudos de vinho e uma coroa de pão aqui pa estes dois compinchas”*. Ao que o Carlinhos, enquanto coçava o boné, contrapôs:

– *“E pa que quemos tanto pão. Troque lá o pão por vinho, qu’ainda nos empapamos”*. E enquanto o Verbo contava historietas como só ele sabia, o Carlinhos cantava *“Clarinda / tu és levada da breca / bota cá duas pinguinhas de vinho / aí pela tua caneca”*.

No Bairro o Carlinhos era um sossego. Raramente subia a rua, pois o destino era quase sempre em sentido contrário, em direcção à Praça da Sé ou para o Loreto.

Mesmo o café Retiro não tinha nele um cliente assíduo. Santos da casa não fazem milagres, quase se pode dizer. Ali não era tratado como Carlinhos da Sé, mas por Carlos, e as brincadeiras não eram o pão nosso de cada dia, como acontecia no centro de Bragança. Mas às vezes lá calhava, como uma vez em que o Sr. Zé Joaquim o apanhou sentado nos degraus da sua casa e lhe perguntou descontraidamente:

– “*Ora viva Carlos. Quando é te casas rapaz*”? Levantou-se, inclinou a cabeça como era hábito e desabafou:

– “*Era era, só mesmo essa. Casar com quem*”. E o Sr. Zé insistiu:

– “*Com uma mulher, com quem havia de ser*”. O remate surgiu de pronto:

– “*Atão dá-me a tua*”. Gostava particularmente do Sr. Zé Joaquim, que era o seu tutor, o fiador que, juntamente com a irmã Amélia, se responsabilizava pelos seus bens e haveres.

Se no Bairro o Carlinhos era um sossego, em casa da irmã também era. Ou melhor, quase. Não fosse o martírio de o obrigarem a um banho de quando em vez e a trocar de roupa. Só o sobrinho Zé o conseguia convencer. Este era o seu mentor em casa, aquele que melhor o levava. Lá conseguia que, de longe a longe, trocasse de cuecas e meias, vestisse umas calças e



Irmã e cunhado do Carlinhos, na casa no fundo do Bairro. O seu amparo e recolhimento. Foto Chico Pimenta.

camisola lavada. Os banhos, então, eram o cúmulo. Passava o inverno quase sem provar água, tanto por dentro como por fora. Na verdade, durante o Inverno saía menos de casa, deambulando entre a lareira e o quarto. Água e banho? “*Não era de lavar vasilhames e de enferrujar o cortiço*”. O frio amainava e o Zé convencia-o a meter-se numa banheira de latão, cheia de água aquecida nos alguidares da lareira. Esfregava-se em sabão azul e chapinhava que nem uma criança. Já no verão ia a banhos mais vezes. Punha-se no quintal em cuecas, ensaboava-se e o Zé regava-o com a mangueira.

– “*Atão, atão, quês-me afogar*”?

Numa ocasião entrou em casa a coxear. Perguntaram-lhe porquê.

– *“Olha não sei, andei todo o dia a mancar. Calhando, o soco tem reumatismo”*.
Disseram-lhe que visse se os socos não estavam muito apertados ou não tinha uma pedra dentro. Tirou o soco, revirou-o, sacudiu-o e voltou a calcá-lo.

– *“Não, isto é mesmo reumatismo que o soco tem”!*

Resultado da equação, pés a banhos. O Carlinhos andava com quatro pares de meias naquele pé há ‘décadas’, sujas até à ‘quinta porta’, e ainda por cima enrugadas. Contrafeito lavou os pés a sabão, mas foi avisando:

– *“Eu lavo os pés, só para não vos aturar. Mas se amanhã aparecer constipado, podeis ter a certeza que vou à farmácia do sr. Manelzinho, compro dois e quinhentos de «estricnina» e boto-vos-a na garrafa do vinho que indes desta pra melhor. Ai se eu me engripo”*.

Uma manhã de Inverno, acompanhou a família para o pinhal do Seminário de São José a apanhar cogumelos, os ditos rapazinhos, que tinham de ser escolhidos com vistas estreitas, não fosse parar ao saco o que não convinha, tipo cogumelos venenosos, ou o que não interessava, como fetos e afins. Era trabalho demorado, que depois compensava, quer no que se ganhava com a venda em tascas, como com o refugado que se fazia em casa. Em pouco tempo, o Carlinhos que andava de lato na mão, virou-se para o Zé e disse:

– *“Olhai, andais aí com tanta esquisitice na apanha e eu, em pouco tempo, tenho isto cheio e inda trago estes na mão”*. O Zé olhou para ele e deu-lhe uma palmada na mão. *“Atira lá com isso, que não presta, é só mija cães”*. E o Carlinhos: *“Olha qu’essa agora, não te serve nenhum bersalgar (cogumelo), é? Atão vou já avisar os padres que andais a roubar a ceia do seminário”*.

Um dia, no pico do verão, foram à lenha para os matagais. Entre carqueja, guiços e carvalhas o Carlinhos atou um feixe e pô-lo ao ombro. A irmã perguntou-lhe da razão em levar as ramas para a frente e os toros para trás, quando era melhor transportar-se ao contrário, por uma questão de equilíbrio. Para ele, com as ramadas à frente da cara estava protegido do sol:

– *“Olhendo pra vós todos a suar e eu bem fresquinho da vida”*.

No terreno por baixo da linha, havia um poço e a terra à volta era frondosa para cultivar. O Sr. Domingos e o Sr. Zé Machado tinham ali uma horta a meias, onde cultivavam batatas, couves e feijões. Ao vê-los, o Carlinhos perguntou ao que iam. Cavar, disseram-lhe, anda daí com umas ganchas a ajudar! Era só o que mais faltava:

– “*Vós é que sois, dar cabo do cortiço a cavar feijões e batatas, que nem são de alimento. Inda se fosse pão e chouriça. Não sabeis que no mercado da praça está tudo à mão de semear e cansa menos*”! E aí vai mais uma cantilena como só ele as sabia inventar: “*Pirolito que bate que bate / pirolito que já bateu / pirolito se não bates tu / levanto-me e bato-te eu*”.

E enquanto aqueles iam para a horta, o Carlinhos descia à Caleja e parava na taberna da Maria Francesa. Deitou sete e quinhentos (7,50\$) em cima do balcão e pediu que lhe enchesse a garrafa com o quartilho de vinho. Acontece que o vinho tinha aumentado e agora o quartilho custava dez escudos.

– “*Olha-me essa. Que aumentos. Encha lá a garrafinha e assegure nos sete e meio, que eu não estou pra aumentos. Esta gente pensa qu’ando a cavar hortas*”.

Quanto ao mais dormia o sono dos justos. A não ser quando dava em acordar às quatro ou cinco da madrugada e, voltado para a janela, rezava em voz alta. A família exasperava, naturalmente: “*Carlos, reza baixo que queremos dormir. Amanhã é dia de trabalho*”. E o Carlinhos rezava, à glória de Jesus Cristo, à bem-aventurada Virgem Santa Maria, pela avó Inês, pelas almas perdidas do mundo. Mas o mais problemático eram os frequentes ataques de epilepsia. Que podiam irromper a qualquer hora do dia ou da noite. Pressentia-os e, então, nessa altura, gritava: “*ai meu Deus, ó meu Deus, ajudai-me*”. Era o alvoroço na casa, pois rapidamente tinham de o deitar no chão, afastar tudo quanto fosse objecto perigoso e vê-lo em aflição. Rebolava-se como um boneco de borracha, retesava-se como se estivesse ligado à tomada e espumava como se libertasse demónios. Longos minutos depois, voltava a si e serenava.

Bem lhe diziam que não podia beber vinho, que não se metesse em presuntos, queijo e salpicão, que isso lhe dava cabo da saúde.

– “*Ó Amélia, deixa lá, a gente nós todos vamos morrer por estes dias. Ao menos morrer consolado*”. Pior era quando os ataques aconteciam na via pública ou quando estava sozinho, pois não raro aparecia em casa com a cabeça rachada ou com um braço fendido. E também aconteceu ter de se chamar uma ambulância para que fosse tratado no hospital.

A doença preocupava e as ausências inquietavam. Amarrá-lo em casa era simplesmente impossível, a Estação ainda era um local de fretes avulso, o Mercado a área de biscates, a Praça da Sé representava o poiso lúdico e as tabernas locais de encontro. Mas tarde ou cedo sempre aparecia.

Até que a 10 de Setembro de 1986, o Carlinhos desapareceu das vistas e dos dias. E ele até avisou. Nos dias anteriores andava inquieto e dizia lá por casa que estava para se entregar ao Criador. Ia morrer e pronto. Bem lhe diziam que se deixasse disso, morria quando tivesse de morrer, como toda a gente. Deus é que sabe. Mas porque Deus sabe, e como o Carlinhos sabia ter boas relações com o Senhor, é que foi anunciando o seu adeus. Na manhã desse dia rezou na linha, voltado para São Bartolomeu, como era hábito. Depois encostou-se à parede da casa e quando o Zé saía para o trabalho disse-lhe que ia ter com a morte. *“E tu a dar-lhe Carlos, sossega homem”*.

Tão sossegado estava que se despediu e foi à sua vida, para nunca mais voltar. Na noite daquele dia foi avistado em Castro Avelãs, a circundar pelo mosteiro, e depois a passar a ponte de Ariães. Perguntaram-lhe o que andava a fazer, que fosse para casa, que era tarde. *“Deslargai-me da vida”*, disse. Perto da meia-noite, um pastor que regressava a casa com o gado viu-o a subir para Formil. E foi-se.



Carlinhos junto à parede da Igreja da Sé.

Esperou-se dias a fio que aparecesse, vindo d'algures. Mas nada. A família procurou, perguntou e desesperou. O Bairro questionava-se e as pessoas acreditavam que lá viria numa qualquer tarde. Falava-se da serra da Nogueira, local de culto da Virgem onde era peregrino assíduo. É verdade que as novenas tinham terminado dois dias antes, onde ele esse ano não marcou presença. Ninguém o avistou ou acolheu. Ter-se-ia perdido pela floresta e sido atacado pelos lobos, ou morrido de frio no Inverno que se assomava? A serra da Nogueira, em particular, foi passada a pente fino. O mistério adensou-se e passados meses as autoridades, à míngua de pistas, deram o caso como encerrado e o Carlinhos como desaparecido ... em

parte incerta. Para a família, o caso foi um tormento. A Sr.^a Amélia, particularmente, calcorreou tudo e mais alguma coisa. Sempre que recebia notícias de que tinha sido visto nesta ou naquela aldeia, lá ia de carreira verificar. Até a Macedo de Cavaleiros e a Mirandela se deslocou de comboio. Foram pistas que conduziram a nada.

Na cidade a perda foi lamentada e comentada e na praça da Sé até as paredes da igreja entraram em pranto. O próprio Semanário Mensageiro de Bragança informou

do desaparecimento, escrevendo «*desapareceu João Carlos Pereira, figura muito conhecida em Bragança pelo nome de Carlinhos da Sé*». Qual D. Sebastião, o Carlinhos foi-se envolto na bruma e na espuma do tempo. Coincidência, a praça da Sé, coração de Bragança, foi definhando com a perda do seu filho dilecto, a que se seguiu o encerramento do café Cruzeiro, onde a estudantada parava às tardes e, mais tarde, a transferência do mercado para perto da GNR. As luzes apagaram-se, a praça da Sé ficou deserta e a cidade perdeu vida.

Passou-se ano e meio até que, a 29 de Abril de 1988, um guarda-florestal deu o alerta. Tinha encontrado um esqueleto na serra. A GNR correu ao local e identificou o cadáver. A família foi informada e a Sr.^a Amélia, acompanhada pelos filhos Zé, Chico, Quim, Zeza e o marido desta, subiram de Gostei a Formil, acima até à curva da casa do guarda. Andaram alguns metros e desceram, à esquerda, por uma ravina coberta de matagal, em direcção a uma linha de água, onde darem com o que parecia um sarcófago paleolítico. De novo o semanário Mensageiro de Bragança não deixou passar o acontecimento, noticiando: «*foi encontrado o esqueleto do Carlinhos da Sé, perto da aldeia de Formil, numa zona de difícil acesso. Foi um guarda-florestal que fez a descoberta. Pelas roupas foi possível identificar o cadáver*».

Há coisas inacreditáveis e difíceis de explicar. Três pedras grandes em perfeito alinhamento, uma espécie de Dólmen (ou Anta), serviam de aconchego a um esqueleto intacto, deitado e impecavelmente vestido, que parecia repousar na mansão dos mortos. Duas pedras ladeavam a câmara fúnebre, incrustada na parede, e a terceira servia de cobertura. Uma camisa aos quadradinhos, por baixo de uma camisola de grossa lã, agasalhava o tronco, enquanto as calças, que tinham um cinto castanho a rodear as presilhas, vestiam as pernas. Os ossos dos pés tinham uns quantos pares de meias a servir de aconchego. O casaco estava pendurado numa fenda da rocha e as sapatilhas alinhadas numa pequena plataforma, como que ali existente para esse efeito. Estava tudo em boa ordem. O boné repousava ao lado do corpo.

Pendurado no pescoço, o sempre presente crucifixo da avó Inês. Se no bolso do casaco estava a célebre meia de lã, pesada de moedas, a meia que ele dizia que protegia o metal da ferrugem, no bolso de trás das calças encontraram a carteira de plástico que o marido da Zeza lhe tinha oferecido em tempos. Carteira que tinha, novinhas em folha, uma nota de 100 escudos de Camilo Castelo Branco e uma de 50 escudos da Rainha Santa Isabel. E a navalhinha, a sua navalhinha.

O Carlinhos padeceu naquele local porque para ali foi chamado por vontade divina. Na sua hora, o corpo foi depositado na Terra e a alma subiu ao Céu, em paz e perfeito sossego. Deus depositou-o dignamente, beijou-lhe a fronte, confortou-o e acolheu-o no Seu Reino. O Carlinhos era um inocente e um puro de coração, e se Deus ainda nos mantém ligados à Terra aos Carlinhos deste mundo se deve!

Os restos mortais foram levados para a Igreja da Sé e ali foi velado. Não há memória de um funeral tão concorrido em Bragança. Novos e velhos, ricos e pobres, homens e mulheres, da cidade e das aldeias acorreram a prestar a última homenagem ao eterno conterrâneo. A igreja entupiu e muita gente ficou no exterior, de onde não arredou pé. A celebração da Missa de corpo presente foi feita pelo cónego Ruivo, coadjuvado pelo primo, o padre António. Uma missa que durou hora e meia e onde o elogio feito pelo celebrante lembrou a graciosidade e simplicidade do Carlinhos, a carismática figura de um brigantino de excepção e a devoção e pobreza de um cristão irmão de São Francisco. O próprio cónego Ruivo recordou, nessa altura, uma história pessoal: saiu um dia da igreja da Sé e encontrou o Carlinhos encostado nas arcadas voltadas para o Chave D'Ouro, que lhe disse: *“o sôr cónego já comeu o mata-bicho? Não me parece, venha daí comigo ao Poças que eu lho pago, co corpo tamém precisa de alimento”*.

Para quando a dedicação pela cidade de uma rua em sua homenagem? Ou será preciso, parafraseando-o, arrancar um paralelo da estrada!